

1. INTRODUÇÃO

Se o acordo entre China e EUA parecia estar perto, o Congresso americano aprovou uma lei para punir autoridades chinesas e de Hong Kong envolvidas em abusos e repressão, o que com certeza deve abalar um pouco a relação entre os dois países, pois os chineses consideraram isso interferência em assuntos internos.

Nesse cenário, o Brasil ainda está se aproveitando para exportar produtos para a China, em uma parceria na qual quase um terço de nossas exportações está indo para aquele país. Ainda, a disputa pela tecnologia de 5G no Brasil pode ser mais um embate entre os dois.

A tecnologia de 5G é importantíssima para a adoção de novas práticas e instrumentos

do que se chama agora agricultura 4.0. Portanto, é imperativo que o Brasil não atrase os leilões e a implementação dessa tecnologia.

Quase não há chances de o acordo entre Mercosul e União Europeia não ocorrer, mas ainda há um risco de que barreiras não tarifárias sejam tomadas. Por isso, o produtor brasileiro deve estar atento às questões ambientais e de certificação.

A América Latina começa a mostrar dados que apontam para uma recuperação: o Brasil está retomando o crescimento, enquanto Chile e Peru apresentam aceleração econômica em relação ao mesmo período do ano passado.

2. PANORAMA INTERNACIONAL

A bolsa de valores americana está em crescimento, o que, além de sinalizar o bom momento da economia, ainda apresenta uma correlação com os preços das commodities, o que para um país exportador como o Brasil, é um excelente sinal.

O crescimento da economia norte-americana foi revisada para cima, crescendo 2,1%, diminuindo, assim, a possibilidade de recessão e melhorando o ânimo do investidor, já que deve levar a mais crescimento.

Tal fato explica o motivo de o mercado de trabalho americano seguir bastante aquecido, apresentando desemprego em 3,6% e com cada vez menos pedidos de auxílio desemprego e empregadores com dificuldades em contratar, o que é excelente para o Brasil, visto que os EUA são nossos segundo maiores parceiros comerciais.

O dólar segue bem valorizado perante algumas moedas do mundo, devido ao sentimento de segurança que a moeda norte-americana tem para os investidores, em um momento de incertezas quanto ao Brexit e à guerra comercial.

A Europa apresenta sinais de que pode crescer, de acordo com os dados apresentados sobre o mês de outubro, mas cresce também a pressão para que a Alemanha passe a gastar mais de seu superávit para aquecer a economia. O fato de os dados para inflação mostrarem que ela está baixa ajuda a fortalecer esse pedido por menos austeridade.

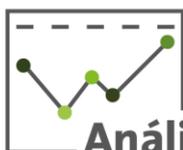
Na sexta-feira a China apresentará novos dados de sua economia, que só devem afetar o mercado na segunda-feira próxima, que já será mês de dezembro, podendo, no entanto, deixar um gostinho ruim e abalar bastante a confiança dos investidores caso os números novamente venham decepcionantes.

Visto que o País está em seu crescimento mais lento desde 1992 e que o Brasil depende da China para exportar, e um acordo com os americanos e uma crise podem significar um excesso de produtos por aqui.

Os efeitos da política sobre vendas no Japão ainda são incertos, pois houve uma ação para diminuí-lo. Para o Brasil, isso pode significar a diminuição do consumo e das importações japonesas, que devem afetar o mercado brasileiro de milho, ainda mais se levando em consideração a situação da China.

A Malásia, apesar de o crescimento estar em 4,4% em relação ao ano passado, é considerado fraco em relação aos outros trimestres, todavia, ainda é maior que de seus vizinhos, devido à desaceleração da economia global causada pela crise entre EUA e China. Como o país é importador de açúcar brasileiro, esse setor pode se prejudicar se não houver uma solução rápida da questão comercial.

O Egito, maior parceiro comercial do Brasil, está apostando em portos para sustentar o crescimento, e como o país já tem acordo com o Mercosul, isso pode representar um acréscimo no comércio entre Brasil e Egito.



Macroeconomia

NOVEMBRO DE 2019

A América do Sul está sofrendo com ondas de protestos em vários países, como Colômbia, Chile, Bolívia e Equador. A motivação política acabou ecoando na população de alguns desses países, o que gerou mudanças drásticas nas políticas por parte de seus presidentes, como na Argentina e no Chile.

Esse panorama traz instabilidade à região, já que o Brasil também está inserido no cenário de um país que era comandado por um partido de esquerda e que, agora, está com um governo conservador, podendo ser o mais importante alvo desses grupos – o que explica, em parte, a disparada do dólar no Brasil.

3. BRASIL

Segundo o Boletim Focus do dia 25 de novembro, o crescimento do PIB em 2019 teve sua expectativa aumentada para 0,99, com os cortes de juros e a expectativa de que as reformas tributária e administrativa pudessem avançar ainda em 2019.

De acordo com o mesmo relatório, a inflação de 2019 está estimada em 3,46%, ou seja, abaixo da meta de 4,25%. Houve uma aceleração da expectativa pois os juros são os mais baixos da história do Brasil e devem pressionar os preços para cima.

O dólar iniciou novembro cotado a R\$ 4,01, mas problemas nas negociações entre EUA e China, resultado ruim no leilão do pré-sal, incertezas providas do Judiciário e um período de compras de dólares elevaram o valor da moeda, que chegou a atingir o recorde de R\$4,26.

Nessa conjuntura, o Banco Central entrou em leilões no final do mês, permitindo que o dólar recuasse e fechasse o período de novembro cotado a R\$ 4,24, deixando o produtor brasileiro que colherá em breve em uma situação muito favorável.

O desemprego no Brasil caiu 0,2%, passando para 11,6% no terceiro trimestre, atingindo 12,4 milhões de brasileiros. A população ocupada agora soma 94,1 milhões e, enquanto o número de empregos com carteira cresce, a informalidade bate recorde.

O índice de Commodities Brasil (IC-Br) subiu 2,21% no mês de outubro em relação a setembro. Entretanto, no ano apresenta queda de 1,56%. Os produtos agrícolas tiveram um aumento de 4,76%.

Os preços do petróleo se mantiveram estáveis em novembro, começando o mês em US\$ 60,23 e terminando em US\$ 61,29 o barril. O aumento de preços causado pela menor oferta foi, em parte, reduzido pela menor demanda, mesmo com o crescimento econômico mundial alto.

Os preços agrícolas subiram 1,77% em outubro segundo o índice da FAO de alimentos, que teve como grandes puxadores os cereais, com alta de 4,19%, e o açúcar, com alta de 5,75%, pela expectativa de redução de produção na Índia. Apenas os laticínios apresentaram queda, face ao excesso de produto para exportação na Nova Zelândia.

As exportações do agronegócio brasileiro em outubro foram de US\$ 8,41 bilhões, superiores 0,8% a outubro do ano passado. O complexo soja e as carnes contabilizaram quase a metade de todo esse valor. Os cinco principais setores somaram 75,3% do total exportado.

Apesar desses bons números acerca do agronegócio, o mês de outubro teve o pior superávit para o mês em 6 anos, com superávit de US\$ 1,2 bi. A crise na Argentina vem prejudicando nossas exportações, uma vez que o comércio bilateral vem diminuindo desde o ano passado.

A Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex –Brasil), organizou um diálogo em Washington-DC, nos EUA, para apresentar o que o Brasil está fazendo em relação à agricultura sustentável, buscando, com isso, melhorar a imagem da agricultura brasileira no exterior, apresentando dados sobre as queimadas na Amazônia, o código florestal atual e as perspectivas para a agricultura em 2020.

O Ministério da Agricultura tenta ampliar o alcance do seguro rural, visto que a previsão orçamentária é 17% maior, mas em um período de contingenciamentos, não há certeza de que esse valor total seja realmente disponibilizado.

Esse mês também ficou marcado pela “crise da carne”, que foi o aumento considerável do produto no mercado nacional. Tal fato se deu devido ao aumento da demanda da China, que deve ter sua produção reduzida em 20% em 2019. Como maior produtora do mundo, buscou outras alternativas, o que aumentou bastante a demanda por carne brasileira e elevou os preços internos do Brasil.